

Displacement 2

Rita Barros vive desde 1984, no *Chelsea Hotel* em Nova Iorque, landmark e *mentalmark* indissociável da cena underground dos anos sessenta e seguintes. No verão de 2011, o Hotel foi vendido e fechado ao público. Desde então, os residentes são alvo de ações de despejo e de um constante assédio provocado pelas obras em curso num quadro opaco e aleatório, pondo em risco a integridade física e psicológica dos mesmos.

A série *Displacement 2* foi iniciada no verão de 2012, e vem no seguimento da série fotográfica *Displacement*, uma forma de diário expiatório das forças negativas a que Barros tem estado a ser submetida enquanto residente e à qual lhe foi retirada em parte a identidade. Constitui-se como uma resposta artística à descaraterização do seu quadro de vida, físico e mental, até aí centrado no espírito nova-iorquino que presidiu à fixação do culto em volta do *Chelsea Hotel*, espírito efémero entretanto desaparecido nos escombros da remodelação a que o Hotel está a ser sujeito. *Displacement 2* poderia chamar-se *The party is Over*. Nunca mais o *Chelsea Hotel* será o que Barros retratou em 1999, no livro, também ele de culto, *Quinze Anos: Chelsea Hotel*.

Rita Barros, imbuída do universo Beckettiano, trata com ironia o absurdo das situações às quais vai sendo exposta, através da criação de pequenas *actions*, dramaturgicamente emblemáticas das profundas alterações que vão tendo lugar, registando a dessacralização de um património coletivo e a eliminação gratuita de uma teia de relações privilegiadas, com repercussões além do desaparecimento dessa comunidade atípica, ela própria um objeto artístico ímpar.

Assim, nesta série, os tijolos do jardim do telhado, entretanto destruído, tornam-se o sujeito fulcral das *actions* retratadas em fotografia e vídeo. Os tijolos adquirem o estatuto metafórico da representação dos sólidos alicerces da casa então construída e agora tornados em desperdício, fruto da demolição selvagem a que a mesma casa está a ser sujeita. Barros usa o tijolo como objeto simbólico,

como arma de arremesso contra uma guerrilha invisível que opera na transformação do real e, ao mesmo tempo, como defesa catártica contra a insidiosa dissolução que esse real pouco a pouco se vai instalando no seu dia-a-dia.

Barros com os tijolos quer destruir a destruição. Confrontada com a sua impotência face aos acontecimentos, adquire uma potência criativa que mais do que nunca justifica a sua pertença ao *Chelsea Hotel*. Com este trabalho criou um impressionante corpo elíptico de representação dramática da vida e morte do *Chelsea Hotel*, enquanto lugar emblemático de liberdade criativa de uma era indissociável do imaginário da cidade de Nova Iorque, uma narrativa visual única na história do Hotel e um documento artístico de rara projeção social e política.

António Calpi

Lisboa, 6 de Fevereiro, 2013